

Introdução à Linguística Africana

MIRANDA, Mateus Emerson de Souza.
Introdução à Linguística Africana.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p.
199-203, jan./jun. 2017.

Resumo:

Palavras-chave: Linguística Africana.
Descrição. Análise.

Keywords: African Linguistics.
Description. Analysis.

Mateus Emerson de Souza MIRANDA
(UFMG)
mateusesm@gmail.com

Organizado por Margarida Petter, professora livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), a obra “Introdução à Linguística Africana”, num total de 304 páginas, surge como uma obra ímpar no mercado editorial brasileiro em relação ao estudo das línguas africanas, suprimindo uma lacuna na até então inexistente bibliografia acessível em português sobre o assunto. Como aponta Petter, a raridade de trabalhos escritos em português ou realizados por pesquisadores portugueses e brasileiros chega a ser incompreensível, se levarmos em consideração a relação econômica e cultural da África com Portugal e o Brasil, principalmente onde os estudos africanos deveriam ser estimulados, sobretudo a partir da Lei 10.639/2003, que institui o estudo da história africana e da cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio. Perini afirma ainda que “a Linguística Africana nunca teve, até recentemente, qualquer status oficial nas universidades do Brasil” (p. 11). Reunindo especialistas da USP sobre o assunto, a obra apresenta uma introdução ao estudo das línguas africanas, através de análise e estudos descritivos. A obra não é dirigida apenas aos estudiosos de Letras, mas também para os especialistas em África e para todos os interessados pela formação da nação brasileira, como bem aponta José Luiz Fiorin, no prefácio.

Na “Introdução”, Margarida Petter, a fim de introduzir o leitor nas questões estudadas na obra, apresenta os conceitos de língua, dialeto, oralidade e escrita, tendo como referência principal o continente africano. De acordo com a autora, as línguas da África foram e ainda são muitas vezes identificadas, genericamente, como dialetos, talvez em razão de se julgar que sejam utilizadas por pequenos grupos de indivíduos, por não se tratarem de línguas escritas ou até mesmo por preconceito. Dessa forma, a intenção de apresentar estes conceitos-chave é de “eliminar qualquer mal-entendido que o uso da designação ‘línguas’ possa ainda provocar, e para que não se julgue impossível estudar esses ‘falares’ apenas porque eles não dispõem de escrita – são ágrafos” (p. 14). Petter explica que língua é um sistema constituído por sons verbais ou por sinais, língua oral ou língua de sinais respectivamente, sendo, portanto, um sistema de comunicação (PETTER, 2015). Dessa forma, não há uma distinção de dialeto, que é uma forma de expressão regional, também utilizada para fins comunicativos. Petter também explica que a distinção entre língua e dialeto aparece quando se observa o caráter oficial da língua e não oficial do dialeto. Segundo a autora, o fato de ser padronizada e oficial pode conferir uma avaliação sociocultural

positiva à língua, mas, do ponto de vista linguístico, não é estabelecida nenhuma distinção de valor entre língua e dialeto. Assim, é pertinente afirmarmos que existem 2.146 línguas na África, um terço das línguas faladas em todo o mundo.

Em seguida, a autora discute os conceitos de oralidade e escrita, afirmando que hoje não podemos falar que a África não possui um sistema de escrita, como também não se pode defender que a presença ou a ausência dela impede o estudo de uma língua, porque o trabalho de descrição e análise do linguista se faz, prioritariamente, a partir da oralidade (PETTER, 2015). Ainda na introdução, Petter apresenta uma lista de nomes das línguas africanas adaptadas ao português e relata que tal adaptação de nomes não é uma tarefa fácil, devido à ausência de publicações especializadas sobre endônimos – nomes pelos quais um povo designa sua própria língua –, e os entraves de adaptação ortográfica relacionados com as limitações dos sistemas de escrita, gerando grafias variadas em língua portuguesa de nomes de línguas africanas.

No segundo capítulo, “Linguística Africana: passado e presente”, Margarida Petter e Paulo Araújo apresentam uma revisão histórica do desenvolvimento dos estudos sobre as línguas do continente africano. Sob o subtítulo “Apontamentos sobre a história da Linguística Africana”, os autores apresentam um resumo da periodização da história da Linguística Africana nos anos 1400 – 1600 (primeiro período), 1600 – 1800 (segundo período), 1800 – 1900 (terceiro período), 1900 – 2000 (quarto período), contextualizando a Linguística Africana no âmbito das investigações que se fazem na linguística geral no período pós-colonial (1960 – 1980 e 1980 – 2000). Em seguida, os autores apresentam áreas de estudos consideradas mais tradicionais na descrição das línguas, como a fonologia e a sintaxe, e ainda pesquisas sobre gramaticalização, linguística de contato e tipologia linguística. Ao final do capítulo, os autores traçam um panorama geral da Linguística Africana no Brasil e no mundo.

No terceiro capítulo intitulado “A classificação das línguas da África”, Petter ressalta que as línguas podem ser classificadas seguindo vários critérios, levando em conta elementos estruturais comuns, relação com uma mesma língua de origem próxima, proximidade geográfica e a classificação genética como sendo a mais significativa para descobrir o parentesco e estabelecer generalizações sobre as línguas (PETTER, 2015). Em seguida, a autora trata da classificação genética das línguas africanas, descrevendo características de quatro troncos linguísticos:

afro-asiático, nigero-congolês, nilo-saariano e coissã.

Nos capítulos seguintes, diferentes níveis de análise são tratados – fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Sob o título de “Fonologia”, Francisco da Silva Xavier, após uma breve reflexão sobre o objeto de estudo da fonologia, examina, no quarto capítulo, a fonologia de línguas africanas, a partir da descrição e da análise de fenômenos observáveis nos níveis segmental e suprasegmental. Segundo o autor, foram selecionados os fenômenos fonológicos que têm recebido maior atenção dos pesquisadores nos últimos tempos. Durante o capítulo, o autor descreve as vogais, as vogais nasais e as vogais nasalizadas, as consoantes, os tons, o rebaixamento tonal, o acento e a sílaba. O capítulo também destaca a importância das línguas africanas nos estudos científicos sobre a linguagem. Segundo Xavier, elas têm trazido elementos essenciais para o desenvolvimento de pesquisas que permitem abrir caminhos para a compreensão de línguas ainda pouco conhecidas, a revitalização de línguas em risco de extinção e a obtenção de evidências para os estudos da origem e do espectro de possibilidades da linguagem humana (XAVIER, 2015).

Sob a autoria de Cleonice Candida Gomes e Bruno Okoudowa, o capítulo “Morfologia” apresenta a segmentação das palavras e a identificação dos morfemas de línguas africanas, bem como os desafios que subjazem a tarefa dos especialistas – os processos de alomorfia, a composição, a flexão e a derivação, e a morfologia dos nomes e dos verbos nas línguas africanas. Segundo Gomes e Okoudowa, decompor palavras de línguas africanas não é tarefa fácil, já que muitas línguas não apresentam uma fronteira clara entre os morfemas e muitas vezes há processos de alomorfia, fazendo com que uma forma tenha duas ou mais realizações fonéticas (GOMES; OKOUDOWA, 2015).

O quinto capítulo, “Sintaxe e Semântica”, de Dayane Cristina Pal e Paulo Araújo, apresenta ao leitor algumas particularidades da sintaxe e da semântica das línguas africanas. Pela abrangência dos temas, os autores selecionaram seis temas frequentemente tratados em manuais e textos voltados para as línguas africanas: questões de ordem de palavras; topicalização e focalização; negação; construções verbais seriais, logoforicidade (traço tipicamente africano) e ideofones. Segundo os autores, os três últimos temas abordados no capítulo guardam a particularidade de terem sido observados em um primeiro momento nas línguas da África e, posteriormente, em outras famílias linguísticas.

No sexto capítulo, “As línguas no contexto social africano”,

Margarida Petter examina o contexto linguístico pós-colonial e as relações entre língua e sociedade no contexto africano. Petter descreve o plurilinguismo africano que é constituído por três categorias de línguas – oficiais, nacionais e nacionais minoritárias. Neste capítulo, Petter também discorre sobre o contato linguístico e seus efeitos, além de nos alertar sobre línguas minoritárias e em perigo de extinção. Segundo a autora, muitos esforços vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores para documentar e preservar as línguas ameaçadas ou em perigo de extinção.

No penúltimo capítulo, “Línguas africanas no Brasil”, Margarida Petter e Ana Stela Cunha retomam a história do transplante das línguas africanas trazidas pelo tráfico, a sua presença no passado e a sua manutenção na atualidade, examinando os resultados desse contato de línguas. Primeiramente, as autoras abordam o ponto de vista dos estudiosos que se envolveram na polêmica sobre a identidade da língua nacional, que seria definida, para alguns, pela influência das línguas africanas e, na sequência, discutem, do ponto de vista da linguagem e das políticas públicas, a questão das comunidades afrodescendentes, os quilombos de hoje e o emprego das línguas africanas como língua ritual nos terreiros de candomblé, como apresentado no oitavo e último capítulo, “Línguas africanas no Candomblé”, por Iya Monadeosi.

Por meio de um vocabulário acessível e de uma organização interna bem sistematizada, a obra é uma excelente e pertinente introdução à Linguística Africana. Por ser uma obra introdutória, o texto apresenta linguagem objetiva e boa exemplificação dos dados linguísticos, oferecendo ainda uma extensa bibliografia ao final do livro, o que permite, ao estudante e ao pesquisador, aprofundar as questões discutidas ao longo dos textos. Enfim, trata-se de uma obra imperdível a estudantes tanto de graduação quanto de pós-graduação e a todas as pessoas interessadas em adentrar o vasto mundo da Linguística Africana, que ainda carece de apresentar estudos e resultados em língua portuguesa, como apontado no início desta resenha.

Recebida em: 22 de ago. de 2016.

Aceita em: 26 de dez. de 2016.